

Escola pública pode fechar as portas

Cerca de 1300 alunos do Centro Intercolar de Línguas serão dispensados segunda-feira se não forem contratados mais professores

Andrea Mota
Da equipe do **Correio**

Um dos mais tradicionais centros de ensino de línguas estrangeiras do Distrito Federal, o Centro Intercolar de Línguas - CIL, instalado na escola Elefante Branco (906 Sul), ameaça fechar suas portas por falta de professores de inglês, francês e espanhol. Desde o dia 24 de fevereiro, treze turmas estão sem aulas por falta de professores e grande parte dos que ainda lecionam está sendo paga com o dinheiro da Associação de Pais e Mestres (APM) e não pela Fundação Educacional do Distrito Federal como deveria ser. "Cerca de 1.300 alunos serão dispensados a partir de segunda-feira caso não sejam incorporados novos professores ao quadro de funcionários", garante o diretor Devanísio Apolinário dos Santos.

Todo final de ano, a escola é obrigada a provar para a Fundação Educacional que necessita de uma certa quantidade de professores para atender a leva de estudantes matriculados no ano seguinte. Só assim a verba para novas contratações é liberada. "A Fundação dificulta esse processo por pura burocracia. O atraso na realização de concursos públicos é outro empecilho. Ele deveria ser feito no final de cada ano letivo para que não esbarrássemos na falta de profissionais no ano seguinte. Já estamos em março e a prova oral do concurso desse ano só será amanhã (hoje) na UNB", diz Devanísio. Chamar os aprovados em concursos anteriores seria uma solução para o problema da escola, mas o diretor acredita que não devem ser muitos os disponíveis. "O salário baixo de R\$ 450,00 para um

professor que leciona vinte horas semanais afugenta os interessados. Quem tem fluência na língua estrangeira prefere trabalhar em uma escola particular que paga quase o dobro", reforçou a vice-diretora do CIL, Dalva Maria de Araújo.

A Fundação Educacional garante que requisita diariamente concursados aprovados para assumirem os cargos, mas muitos são reprovados na avaliação de fluência da língua estrangeira realizada por uma equipe técnica desses estabelecimentos. "Eles tem embasamento teórico, mas sem domínio verbal da língua. Muitos já chegaram falandoportunhol", rebate Dalva.

CUSTOS

Quanto custa manter um professor de línguas em uma escola pública? A coordenadora do curso de inglês do CIL (906 Sul), Marileide Pak, afirma que são desembolsados pela Fundação Educacional do Distrito Federal cerca de R\$ 10.000,00 por semestre, ou seja, cada professor custa em média R\$ 600,00, já com encargos sociais (lincenças

à maternidade, prêmio e médica) incluídos. "Só para manutenção do centro eles gastam aproximadamente R\$ 18.000,00", informa Devanísio.

Parte dos gastos da escola com equipamentos (computadores, máquina de xerox, fax) e móveis (cadeiras, mesas) são financiados pelo dinheiro arrecadado com as contribuições dos alunos à Associação de Pais e Mestres. "O estudante só contribuir com R\$ 16,00 no início do semestre se quiser", avisa Devanísio. Às custas da boa vontade dos alunos, o CIL está conseguindo manter alguns profes-

sores lecionando. "O dinheiro da APM está acabando. Se o diretor executivo da Fundação Educacional, Jaci Peninha, não resolver a situação até quarta-feira (dia 19) como foi prometido, a escola quebra", previne Devanísio.

Se depender da rapidez de resolução da Fundação Educacional, os seis CILs de Brasília podem voltar às suas atividades normais a partir de segunda-feira. "O **Correio Brasileiro** publicará um edital do concurso da Fundação, no domingo (amanhã), com três mil novos aprovados. Com certeza supriremos essa defasagem no quadro de profissionais desses estabelecimentos", ga-

rantiu o diretor-executivo da Fundação Educacional do Distrito Federal, Jaci Peninha. Essa é uma promessa que deverá ser cumprida, caso contrário, na assembléia marcada para quinta-feira (dia 20) com os pais e a direção do CIL (906 Sul), haverá mais protestos. "Depois que mandamos uma carta para a casa dos estudantes nos dias 12 e 13 de março informando sobre as dificuldades em se manter o curso, estamos recebendo cerca de dez visitas diárias de pais preocupados, além de diversas ligações desafiadas. A culpa não é nossa", esclarece Devanísio. "Alguns até tiveram a audácia de pedir a devolução das contribui-

ções feitas no início do ano", complementa Marleide.

Uma comissão de 24 alunos e 8 pais de estudantes do Centro de Ensino nº 2 de Brasília, que fica na SQS 107, foi até o Palácio do Buriti tentar resolver o problema de falta de professores. São 560 alunos, divididos em 11 turmas e 5ª a 8ª série, que precisam de quatro professores para que o ano letivo comece realmente.

O grupo foi recebido primeiro por uma secretária do gabinete do governador. Depois foram à Secretaria de Educação, onde a chefe de gabinete, Maria José Feres, garantiu que a situação estaria normalizada até a próxima semana.

Rita de Cássia Fernandes, mãe da aluna Paula Fernandes, da 6ª série, foi uma das que foi pedir socorro ao governo do Distrito Federal. Ela diz que a escola precisa de professores de Ciências, Práticas Integradas do Lar e Geografia. "Os pais querem saber se haverá reposição das aulas perdidas, porque até agora ninguém falou disso", reclama.

O Centro de Ensino nº 2 tem 47 professores, mas precisa de mais quatro profissionais para que as aulas voltem ao normal. Alunos e pais levaram ao Palácio do Buriti um abaixo-assinado, onde pedem que as contratações sejam feitas o mais rápido possível.

Carlos Moura



Pais e alunos do Centro de Ensino nº 2 de Brasília protestaram contra a falta de professores em frente ao Palácio do Buriti